



Equipes Notre-Dame

Caríssimos Equipistas,

No contexto providencial que estamos a viver, na memória da Conclusão do Concílio Vaticano II, no dia 8 de Dezembro de 1965, há cinquenta anos, e ainda na proximidade do sínodo dos Bispos sobre a família, nesta minha carta desejo partilhar convosco a esperança que o nosso movimento me dá para o futuro da família cristã na Igreja e na sociedade do nosso tempo e fazer um apelo veemente à fidelidade ao nossa carisma e missão na Igreja, hoje ainda mais actual do que há 68 anos.

Embora noutro contexto histórico, os tempos actuais, mesmo a nível global, interpelam-nos a vivermos com coragem e esperança o que nós somos, a vivermos a nossa missão esponsal com alegria, como nos convida o Papa Francisco. Convido-vos a que não vos esqueçais da dignidade a que todos fomos chamados a viver, cada um de nós segundo o seu estado de vida, em três níveis.

Não nos esqueçamos da nossa dignidade de pessoas criadas à imagem e semelhança de Deus, coisa que hoje não é de todo evidente para muitos dos nossos contemporâneos, em muitos casos mais preocupados com a *ecologia da natureza e do mundo*, e menos com a *ecologia humana*, como nos recorda o Papa Francisco na sua recente encíclica *Laudato si'*.

Não nos esqueçamos da nossa dignidade de *filhos de Deus* pelo baptismo, participantes da natureza divina e chamados à santidade, àquela perfeição da verdade, da liberdade e do amor que só em Deus se pode alcançar, como um dom e uma graça que havemos de pedir com humildade.

Não nos esqueçamos da nossa dignidade *esponsal*, como nos ensina S. João Paulo II na sua *teologia do corpo*. No vosso caso, como casais, deveis viver o vosso amor conjugal *no Senhor*, segundo o pensamento do apóstolo S. Paulo (1Cor 7,39). Recomendava-vos a leitura e a meditação em casal deste capítulo 7 da primeira carta aos Coríntios, sobretudo os primeiros versículos (1Co 7,1-8), onde S. Paulo fala do *dever conjugal*. Vivei castamente o vosso amor conjugal, o qual se alimenta, porque o amor precisa de ser alimentado, na

frequência de três mesas ou altares: a mesa da eucaristia, a mesa da refeição fraterna em casal e em família; e a mesa ou altar onde se celebra o amor casto e puro daqueles que verdadeiramente se amam no Senhor ou cujo amor é abençoado pelo Senhor no sacramento do matrimônio. Pelo sacramento, o marido representa Cristo que ama a Igreja e se entrega pela Igreja, morrendo de amor por ela, e a esposa representa a Igreja que acolhe o amor do seu esposo, sendo-lhe submissa. A obediência e a submissão só são possíveis entre pessoas que verdadeiramente se amam. Por isso, a regra de ouro da relação e do amor conjugal é o *perdão*, porque esta é a forma mais perfeita da doação, a perfeição do dom.

Não sei, caríssimos casais, se isto que partilho convosco é evidente. Convido-vos, em todo o caso, a falar deste tema no vosso diálogo conjugal, na vossa oração e no vosso dever de se sentar. Sede cumpridores quase escrupulosos dos pontos concretos de esforço, que por serem simples não são fáceis.

Saúdo-vos cordialmente com muita amizade e imploro para todos vós e vossas famílias a bênção do Senhor, que vos proteja e vos acompanhe sempre.

P. José Jacinto Ferreira de Farias, scj

Conselheiro Espiritual da ERI